



Mística e Angústia na obra de Fernando Pessoa

Mystique and anguish in the work of Fernando Pessoa

Alessandro Rodrigues Rocha *

Resumo

Os heterônimos do poeta português Fernando Pessoa constituem uma das mais fantásticas criações da poesia moderna. Através deles, fingindo-se um deles, o poeta apresenta-se múltiplo, como que habitado por várias pessoas, encerrando vários eus, num jogo literário em que, entretanto, não se identifica com nenhum deles. Sem desconsiderar a complexidade dessa criação literária, o artigo propõe-se a abordar alguns aspectos da obra do “Pessoa ele-mesmo”. Em certo sentido, Pessoa ele-mesmo é também um heterônimo. Poeta fingidor, nada nele é diretamente confessional ou biográfico. Pessoa ele-mesmo apresenta-se como a expressão dramática de uma busca de identidade, aberta numa constelação de personalidades complexas e sofridas. A dor fingida que finge a dor sofrida e outras representações da dor existencial de Pessoa ele-mesmo podem ser lidas como angústia e mística. Para tecer esse percurso, o artigo se reportará às poesias inéditas de 1919-1935, basicamente os últimos escritos do grande e múltiplo poeta português.

Palavras-chave: Fernando Pessoa. Heterônimos. Angústia. Mística. Teopoética.

Abstract

The heteronyms of the Portuguese poet Fernando Pessoa is one of the most fantastic creations of modern poetry. Through them, and pretending to be one of them, the poet presents himself as multiple, as if inhabited by several people, assuming several selves, in a literary game in which the poet does not identify himself with any of them. Without ignoring the complexity of such literary creation, the paper aims to address some aspects of the work of “Fernando Pessoa-himself”. In a sense, “Fernando Pessoa-himself” is also a heteronomous that carries a message that is neither confessional nor a bibliographic one. “Fernando Pessoa-himself” presents himself as a dramatic expression of an identity search within a constellation of some complex and suffered personalities. The “pretended pain” that pretends to be a true suffering as well other representations of the existential pain of “Fernando Pessoa-himself” can be comprehended as anxiety and mystique. To accomplish this purpose, the article will report primarily to the unpublished last poems of the great poet Fernando Pessoa, written between 1919 and 1935.

Keywords: Fernando Pessoa. Heteronyms. Anguish. Mystique. Theopoetic

Artigo recebido em 29/11/2011 e aprovado em 18/02/2012.

* Doutor em teologia pela PUC-RIO. Pesquisador associado da Cátedra UNESCO de Leitura da PUC-RIO. País de origem: Brasil. E-mail: buenomartir@gmail.com

Paisagens, quero-as comigo.

Paisagens, quero-as comigo.
Paisagens, quadros que são...
 Ondular louro do trigo,
 Faróis de sóis que sigo,
 Céu mau, juncos, solidão...

Umás pela mão de Deus,
Outras pelas mãos das fadas,
 Outras por acasos meus,
Outras por lembranças dadas...

Paisagens... Recordações,
 Porque até o que se vê
Com primeiras impressões
 Algures foi o que é,
 No ciclo das sensações.

Paisagens... Enfim, o teor
 Da que está aqui é a rua
Onde ao sol bom do torpor
Que na alma se me insinua
 Não vejo nada melhor.
(PESSOA, 1996a, p. 419)

Sou um evadido.

Sou um evadido.
 Logo que nasci
Fecharam-me em mim,
 Ah, mas eu fugi.

Se a gente se cansa
 Do mesmo lugar,
 Do mesmo ser
Por que não se cansar?

Minha alma procura-me
 Mas eu ando a monte
 Oxalá que ela
Nunca me encontre.

Ser um é cadeia,
 Ser eu é não ser.
 Viverei fugindo
 Mas vivo a valer.
(PESSOA, 1986a, p. 421)

Introdução:

Pessoa ele-mesmo dentre outros – a questão dos heterônimos

Ao contrário dos pseudônimos - vários nomes para uma mesma personalidade - os *heterônimos* constituem várias pessoas que habitam um único poeta. Cada um deles tem a sua própria biografia, sua temática poética singular e seu estilo específico. É como se os eus fragmentados e múltiplos explodissem dentro do artista, gerando poesias totalmente diversas. É o próprio poeta que expressa isso quando afirma que:

E contudo – penso-o com tristeza – pus no Caeiro todo o meu poder de despersonalização dramática, pus em Ricardo Reis toda a minha disciplina mental, vestida de música que lhe é própria, pus em Álvaro Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida. Pensar, meu querido Casais Monteiro, que todos estes têm que ser, na prática da publicação, preteridos pelo Fernando Pessoa, impuro e simples! (PESSOA, 1986b, p. 94)

O poeta é múltiplo: dentro dele encerram-se vários eus e ele não se consegue encontrar nem definir inteiramente em nenhum deles, é incapaz de se reconhecer a si próprio como tal – é, antes, um observador de si próprio. Sofre a vida sendo incapaz de a viver unicamente em uma representação apenas. Diz o poeta: “A origem dos meus heterônimos é o fundo traço de histeria que existe em mim” (PESSOA, 1986b, p. 95).

Em certo sentido, Pessoa ele-mesmo (no qual nos deteremos nessa abordagem) é também um heterônimo. Poeta fingidor, nada nele é diretamente confessional ou biográfico. Pessoa ele-mesmo é a expressão dramática de uma busca de identidade, identidade não atingida univocamente e aberta numa constelação de personalidades complexas e contraditórias. (AVALEZA, 2000, p. 10-13).

Tudo quanto penso,
Tudo quanto sou
É um deserto imenso
Onde nem eu estou. (PESSOA, 1986a, p. 460).

A melhor expressão dessa ruptura entre o eu-lírico e o eu-biográfico aparece no célebre autopsicografia, onde a criação poética se apresenta como criação ficcional. Quem é o poeta? O que ele sente? E como se expressa?

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração. (PESSOA, 2007, p. 69).

A dor fingida que finge a dor sofrida é nosso principal foco. Mesmo sabendo não ser possível abordar toda a complexidade da presença dos heterônimos do poeta português, nos propomos um recorte em Pessoa ele-mesmo, dando ênfase, sobretudo, aos poemas escritos nos anos imediatamente anteriores à sua morte¹.

Nesse sentido, nos deteremos no seguinte recorte: as representações da dor existencial de Pessoa ele-mesmo, a saber: a angústia e a mística. Para tanto nos reportaremos basicamente às poesias inéditas de 1919-1935, basicamente os últimos escritos do grande e múltiplo poeta português.

1 A experiência como lugar comum da angústia e da mística

Somente na experiência a poesia é possível. No recorte que fazemos da obra de Pessoa a poesia que emerge da experiência complexa do poeta tem como elementos centrais a angústia e a mística. Estas expressam a psicologia do autor, ou melhor, o ambiente espiritual onde seus heterônomos são tecidos.

Nesse sentido, deter-nos-emos no seguinte recorte: as representações da dor existencial de Pessoa ele-mesmo, a saber: a angústia e a mística. Para tanto, nos reportaremos às poesias inéditas de 1919-1935, basicamente os últimos escritos do grande e múltiplo poeta português.

A poesia é um “lugar” existencial muito antes de ser um lugar literário. Ela é o transbordamento das experiências vividas: experiências de prazer e dor, de completude e

¹ As poesias inéditas são a reunião dos poemas escritos por Fernando Pessoa entre os anos 1930-1935, anos anteriores à sua morte.

incompletude, de esperança e cansaço, de lutas e desistências etc. A poesia celebra a experiência, esta, por sua vez, celebra a vida, e a vida bem pode ser expressa nas situações-limite da finitude, onde a angústia é sua melhor síntese. Desafiando os limites da vida objetiva está o horizonte da infinitude, que encontra na mística sua expressão mais aguda.

Poesia e mística relacionam-se com as situações-limite da vida: da finitude e da infinitude, da angústia e transcendência, do chão e do horizonte. Ambas têm em comum o atravessamento na existência, o traspassamento da alma, a experiência. A experiência é o lugar onde tais situações-limite ocorrem, é na carne atravessada de nossa existência que sentimos o mundo e é também ali que desejamos transcendê-lo.

A poesia entende a centralidade da experiência para a condição humana mais crua, mais nua. O poeta sabe-se, e, sabendo-se, sabe tudo, inclusive aquilo que não se pode saber. Pessoa ele-mesmo expressa esse estar diante de si cru e nu da seguinte forma:

Fito-me frente a frente
E conheço quem sou.
Estou louco, é evidente,
Mas que louco é que estou?

É por ser mais poeta
Que gente que sou louco?
Ou é por ter completa
A noção de ser pouco?

Não sei, mas sinto morto
O ser vivo que tenho.
Nasci como um aborto,
Salvo a hora e o tamanho. (PESSOA, 1986a, p. 420).

“Estou louco, é evidente”, esse é o estado no qual se encontra imerso Pessoa ele-mesmo. Tal estado é, certamente, agravado pela condição poética que atira o poeta no chão concreto e mais profundo da experiência de ser-no-mundo. “É por ser mais poeta que gente que sou louco? Ou é por ter completa a noção de ser pouco?”

É por ser poeta? Ou seja, é por estar atirado na vida, ou é por saber-se poeticamente não poeta? Ou melhor, por saber-se insuficientemente capaz de lidar com a realidade? Por qual desses motivos o poeta sabe-se louco de uma loucura que é experimentar angustiadamente finitude e, mesmo assim, não se contentar em absoluto com

ela? Da angústia poética de não se compreender suficientemente poético emerge a necessidade de transcendência que, na obra de Pessoa, epifaniza-se como mística.

Angústia e mística são elementos inseparavelmente companheiros de quem assume a vida tendo com ela uma relação visceral, onde o lugar próprio do ser-no-mundo, mesmo que desconfortável, é a experiência. Quem assume a vida como ela é – em toda a gama de implicações que isso causa – deparar-se-á, inevitavelmente, com a angústia. Esta poderá ser o ponto final da existência ou tomar dimensões de transcendência e constituir-se em expressão de transbordamento místico.

A poesia encontra-se, portanto, diante de duas possibilidades igualmente legítimas de assumir a concretude da vida: o desespero proveniente da maximização da angústia e a superação dessa angústia num apego a esperanças que desafiam o circunstancial. Essas duas possibilidades não são mutuamente exclusivas, antes, elas podem se alternar e se reclamar ao longo da extensão da vida. Pessoa ele-mesmo alternou em sua poesia essas duas expressões da condição humana em sua poesia. Com relação à angústia ele expressa:

Chove. Que fiz eu da vida?
Fiz o que ela fez de mim...
De pensada, mal vivida...
Triste de quem é assim!

Numa angústia sem remédio
Tenho febre na alma, e, ao ser,
Tenho saudade, entre o tédio,
Só do que nunca quis ter...

Quem eu pudera ter sido,
Que é dele? Entre ódios pequenos
De mim, estou de mim partido.
Se ao menos chovesse menos! (PESSOA, 1986a, p. 424).

Uma angústia sem remédio que surge de estar-se partido de si. Essa é a expressão mais aguda de um modo de ser assumido na crueza de quem se percebe. Pois, como afirma Claude Olievenstein (1989, p. 41), “a angústia se torna [...] um modo de estar no mundo, monstro familiar que o ronda e o devora e, ao mesmo tempo, o diferencia do cadáver digerido pelos vermes”. Estar angustiado é saber-se inexoravelmente vivo.

Cansa ser, sentir dói, pensar destruir.
Alheia a nós, em nós e fora,

Rui a hora, e tudo nela rui.
Inutilmente a alma o chora.

Pálido esboço leve
Do sol de inverno sobre meu leito a sorrir...
Vago sussurro breve.

Das pequenas vozes com que a manhã acorda,
Da fútil promessa do dia,
Morta ao nascer, na esperança longínqua e absurda
Em que a alma se fia. (PESSOA, 1986a, p. 371).

O peso da vida, que parece absurda, denuncia a desconfiança metafísica, ou seja, a suspeita com o fundamento da existência. O que está por detrás de uma vida aparentemente sem sentido? O sem sentido é só um acidente ou é mesmo constitutivo do ser desde seu ordenamento ontológico? A angústia é o preço pago por essa consciência aguda acerca da vida concreta. Nesse sentido, o poeta intui que: “Deus não tem unidade, como a terei eu?” (PESSOA, 1986a, p. 406). E, ainda:

Se tudo o que há é mentira
É mentira tudo o que há.
De nada nada se tira,
A nada nada se dá.

Se tanto faz que eu suponha
Uma coisa ou não com fé,
Suponho-a se ela é risonha,
Se não é, suponho que é.

Que o grande jeito da vida
É pôr a vida com jeito.
Fana a rosa não colhida
Como a rosa posta ao peito.

Mais vale é o mais valer,
Que o resto urtigas o cobrem
É só se cumpra o dever
Para que as palavras sobrem. (PESSOA, 1986a, p. 416).

As profundas e angustiadas questões da poesia de Pessoa ele-mesmo não são meras expressões de ceticismo ou exercícios especulativos. Antes, elas são a emersão de uma angústia que, tomando o ser o do poeta, transcende o fundamento desse ser.

Deixo ao cego e ao surdo
A alma com fronteiras,

Que eu quero sentir tudo
De todas as maneiras. [...]

Assim a Deus imito,
Que quando fez o que é
Tirou-se o infinito
E a unidade até. (PESSOA, 1986a, p. 407).

Se abandonada a si mesma, a angústia pode ser absolutamente destrutiva, tendo como fim de seu caminho a própria aniquilação e o suicídio. Contudo, se enfrentada como expressão de uma forma de ser-no-mundo que não nega superações e contradições, a angústia pode expandir-se ao terreno das possibilidades de transcendência. Em outras palavras, “o sujeito é capaz de dizer: sinto angústia, portanto sou; sou, portanto domino a angústia; sou na medida em que domino a angústia” (PESSOA, s/d, p. 51).

2 Do teológico ao místico: caminhando em terreno movediço

A mística, como renúncia ao domínio objetivo sobre o sentido da vida – que no aspecto religioso chamar-se-ia Deus –, é uma possibilidade real de transcendência da condição angustiada do sem sentido.

Nesse momento, a mística toca a angústia. Ambas expressam a mesma situação de contingência na qual o poeta como ser existente se encontra. Diante da realidade que se descortina, perdendo o recurso do conceito como armadura que protege o frágil soldado; saber-se desolado é a única possibilidade real. Ao final das contas “o que é mais angustiante que nascer?”, ou, ainda, “o que é mais angustiante que morrer?” (COMTE-SPONVILLE, 1997, p. 11).

A angústia faz parte de nossa vida. Abre-nos para o real, para o futuro, para a indistinta possibilidade de tudo. Ter de libertar-se dela é o que ela própria nos indica suficientemente, pelo desconforto. Mas não depressa demais nem a qualquer preço. (COMTE-SPONVILLE, 1997, p. 11)

A mística dialoga semelhantemente com a angústia no que diz respeito ao estar sem armadura diante da realidade. Ela põe cada um de nós (e o fez com o poeta em particular) diante da própria incapacidade conceitual, só que o faz com maior radicalidade

do que a angústia. Se a angústia é o saber-se nu diante do ter que existir, a mística é esse saber-se nu elevado à categoria de metafísica. O místico, como “alguém que vive uma experiência singular” (VELASCO, 1999, p. 289), “não se contenta em incorporar as notícias, o conhecimento, e os ritos de sua tradição, mas ele quer tomar contato direto com o Mistério” (VELASCO, 1999, p. 290).

A mística reclama um “conhecimento experiencial, por contato direto, vívido, com a realidade a que ela se refere” (VELASCO, 1999, p. 291). Tal conhecimento, contudo, nem sempre está disponível no acervo particular do místico. Isso, muitas vezes, faz com que se chame aquilo que não se sabe o que é, mas se sabe que está. Como diz Pessoa:

Deve chamar-se tristeza
Isto que não sei que seja
Que me inquieta sem surpresa
Saudade que não deseja.

Sim, tristeza - mas aquela
Que nasce de conhecer
Que ao longe está uma estrela
E ao perto está não a Ter.

Seja o que for, é o que tenho.
Tudo mais é tudo só.
E eu deixo ir o pó que apanho
De entre as mãos ricas de pó. (PESSOA, 1986a, p. 406).

“Que ao longe está uma estrela e ao perto está não a Ter”. Esse é um saber incerto e um saber-se incerto. É propriamente a esperança que nasce de uma angústia que não deságua no aniquilamento – porque a esperança é o sinal que o suicídio não vingou. Esse não possuir que a mística tangencia é uma forma de conhecer sem dominar. Por ser experiencial, o conhecimento místico passa pela lógica do não conceitual, ou melhor, do não conceituado, daquilo que a tradição mística chama de Mistério. Mistério não tanto pela impossibilidade de conhecer, mas por que tal conhecimento é frutivo e não conceitual, é silencioso e não logocêntrico, é denso e nem tanto retórico.

O Mistério solicita relação, risco, envolvimento em tramas tecidas por fios invisíveis. Dizer o inaudito só é possível com a linguagem da mística, a teologia nunca diz o inaudito porque, antes de fazê-lo, desnuda-o, arranca suas carnes, o captura, sem perceber que, fazendo isso, nada mais sobrou pra ser dito, senão um cadáver para descrever numa

autópsia inócua. Isso a poesia capta como nenhuma outra forma de expressão e, na poesia, Pessoa o faz com agudeza:

A paisagem longínqua só existe
Para haver nela um silêncio em descida
Pra o mistério, silêncio a que a hora assiste...

E, perto ou longe, grande lago mudo,
O mundo, o informe mundo onde há a vida...
E Deus, a Grande Ogiva ao fim de tudo... (PESSOA, 2007, p. 80).

Aqui, a mística deixa para trás os recursos que servem à teologia – elementos discursivos e intelectuais – e se move na precariedade da vida, na contingência do cotidiano, na impossibilidade de dizer tudo do tudo. Deus ou o Mistério é horizonte, e não chão que se pode pisar, é desejo e não saciedade, é fundo e não superfície.

Horizonte, desejo, fundo são elementos férteis para expressões limítrofes da alma, dentre estas as mais profundas: angústia e mística. Se superada a primeira, pode ver desabrochar a segunda (contudo, nesta sempre estarão elementos daquela). Do ponto de vista da fé, isso certamente precisa acontecer, mas não a qualquer preço, não sobre os escombros conceituais de um Mistério moribundo.

Epitáfio Desconhecido

QUANTA mais alma ande no amplo informe,
A tí, seu lar anterior, do fundo
Da emoção regressam, ó Cristo, e dormem
Nos braços cujo amor é o fim do mundo. (PESSOA, 1986a, p. 395).

Elementos para pensar e não concluir

Viver sem o chão seguro debaixo dos pés vale a pena? Abandonar, mesmo que esporadicamente, as amarras e singrar mares encapelados e profundos vale a pena? Padecer as angústias da crisálida que abriga potencialmente a beleza da lagarta/borboleta vale a pena? Findamos com as palavras do poeta:

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!

Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Borjador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu. (PESSOA, 1963, p. 70)

REFERÊNCIAS

- AVALEZA, Manuel. **Uma trindade clássica**: Fernando Pessoa, Homero e Platão. Rio de Janeiro: Thex editora, 2000.
- COMTE-SPONVILLE, André. **Bom dia, angústia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- OLIEVENSTEIN, Claude. **O não-dito das emoções**. Rio de Janeiro: JZE, 1989.
- PESSOA, Fernando. **Cancioneiro**. São Paulo: LP&M, 2007.
- PESSOA, Fernando. **Poesias Inéditas (1930-1935)**. Lisboa: Edições Ática, s/d.
- PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986a.
- PESSOA, Fernando. **Obras em prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986b.
- PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Lisboa: Edições Ática, 1963.
- VELASCO, Juan Martín. **El fenómeno místico**. Estúdio comparado. Madrid: Editorial Trotta, 1999.